

Algumas notas sobre o *Compendium Grammatices Hebraeae* de Baruch Spinoza

Em 1987 foi editada uma versão francesa do *Compendium Grammatices Hebraeae* do grande pensador de ascendência portuguesa Baruch Spinoza (1632-1677); essa tradução foi elaborada por Joël Askénazi e Jocelyne Askénazi-Gerson, também autores de uma introdução e notas explicativas; o prefácio é de Ferdinand Alquié¹. Quer o prefácio quer a introdução oferecem um admirável ponto de partida para tecer algumas apropriadas considerações sobre este tratado de Spinoza, das quais nos serviremos no presente estudo. Em 1905 havia sido feita uma versão hebraica e em 1962 uma para inglês².

A gramática, escrita a pedido de amigos seus hebraisantes, devia servir para texto de ensino do «idioma santo». É pena que falte a parte relativa à sintaxe, da qual Spinoza fala várias vezes ao longo da gramática, e também um prefácio no qual

1 *Abrégé de grammaire hébraïque. Introduction, traduction et notes par Joël Askénazi et Jocelyne Askénazi-Gerson. Préface de Ferdinand Alquié, professeur à la Sorbone.* Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1987. A gramática hebraica de Baruch Spinoza foi escrita em latim e incluída na parte final dos *Opera posthuma*, obra que inclui ainda a *Ethica more geometrico demonstrata*, a *Politica*, o *De emendatione intellectus* e as *Epistolae et ad eas responsiones*; os *Opera posthuma* foram publicadas em Hamburgo, na tipografia de Henricus Künrath, em 1677. Fernand Alquié é autor de alguns livros filosóficos, como *Nostalgie de l'Être*, Paris, 1950; *Spinoza* (curso dado na Sorbona em 1953-1954, ainda inédito); *L'Expérience*, c. IV, Paris, 1958; *Nature et Vérité dans la Philosophie de Spinoza*, Paris, 1958; *Servitude et Liberté selon Spinoza*, Paris, 1959.

2 A versão inglesa intitula-se *Hebrew grammar (Compendium grammatices linguae hebraeae)*, Nova York, Philosophical Library, 1962.

certamente se teria referido a um certo número de características do hebraico, das quais já havia falado no c. VII do *Tractatus*. O *Compendium grammatices linguae hebraeae* foi editado em 1677 juntamente com a primeira edição dos *Opera Posthuma* de Spinoza, constituindo o seu quinto e último título. Não teve a divulgação da restante produção literária do autor e só se fizeram as versões já referidas.

Em Novembro de 1953, aquando da primeira lição do seu curso na Sorbona sobre Spinoza, Ferdinand Alquié lembrava que havia um livro não incluído nas traduções das Obras Completas do grande filósofo de Amsterdão, de ascendência portuguesa. Pressentia Alquié o interesse filosófico deste trabalho spinoziano, pelo que aconselhava eventuais hebraisantes a proceder à respectiva tradução.

E foi o que veio a acontecer: pela primeira vez era feita a tradução para francês da gramática hebraica de Spinoza, graças ao trabalho de Joël Askénazi e Jocelyne Askénazi-Gerson. O facto de o texto original ser em latim podia constituir uma grande dificuldade para muitos leitores. Mas, prossegue Alquié, é bom lembrar que a gramática se insere na problemática filosófica de Spinoza, que nela trabalhou afincadamente durante muitos anos:

Il n'est pas permis à un historien des idées s'efforçant de comprendre la philosophie de Spinoza de négliger un tel ouvrage. Á une époque où, pour éclairer la pensée d'un auteur, on va parfois chercher ses moindres brouillons, comment un traité, non achevé sans doute, mais mis en forme jusqu'au trente-troisième chapitre pourrait-il demeurer inconnu de presque tous?

Logo de seguida, diz Alquié que isso seria tanto mais lamentável quanto é certo que hoje se associa o pensamento filosófico spinoziano à tradição judaica:

Comment alors ne pas s'interroger sur ce que Spinoza a pensé de la langue dans laquelle cette tradition lui a été transmise? D'autre part, les philosophes contemporains accordent de plus en plus d'intérêt au problème du langage. Est-il possible de négliger les pages que Spinoza a consacrées à un tel sujet?

Mais adiante escreve que o interesse é não só gramatical como também filosófico. E, a propósito do último aspecto, acrescenta que uma das ideias dominantes de Spinoza é que os gramáticos antes dele *ont cru irregulières beaucoup de choses parfaitement régulières* (palavras do pensador judeu de Amsterdão)³.

Aliás essa ideia é constante ao longo da gramática de Spinoza: ele insurge-se contra a noção de excepção. E pergunta Alquié:

Comment ne pas rapprocher ce souci de celui qui anime le philosophe lorsqu'il considère les lois de la nature comme universelles, proclame leur nécessité, affirme que rien, même dans l'apparence des miracles, ne peut se produire en dehors d'elles, et contrairement à elles?

No c. V da sua gramática o autor do *Tractatus* afirma que as palavras hebraicas, ao contrário das latinas, têm quase todas o valor e as propriedades do nome. Define o nome como sendo uma palavra pela qual nós significamos ou indicamos alguma coisa que cai sob o entendimento; e o que cai sob o entendimento são por um lado coisas, os seus atributos, os seus modos e as suas relações, por outro lado as acções, bem como os seus modos e as suas relações. Como exemplos, apresenta nomes que são atributos do homem:

«Homem», אִישׁ «sábio», חכם e «grande» גדול: «Sob», תחת, «sobre», são nomes que mostram a relação que um homem tem com as coisas.

Do mesmo modo, הָלֵךְ, «ir», é o nome de uma acção que não tem nenhuma relação com o tempo; e recorda que o infinitivo, que em latim é um modo, em hebraico é um nome puro e

3 C. B. Spinoza [1987: V, início] onde se lê que, exceptuando as interjeições, as conjunções e um ou dois participios, todos os nomes hebraicos têm o valor e as propriedades do nome, concluindo assim: *Et c'est parce que les grammariens ne l'ont pas compris qu'ils ont cru irrégulières beaucoup de choses parfaitement régulières —si l'on se réfère à l'usage de la langue— et qu'ils ont ignoré un certain nombre de choses nécessaires pour connaître et parler la langue hébraïque*

simples; o infinitivo não conhece, portanto, nem passado, nem presente, nem nenhum outro.

Quanto a מהרה, «depressa», é um modo da acção de «caminhar»; «Hoje», היום, «amanhã», מחר são relações de tempo.

E conclui dizendo que há seis espécies de nomes: o nome substantivo, dividido em nome próprio e nome comum, o adjetivo, o relativo ou preposição, o particípio, o infinitivo e o advérbio; e diz de seguida que a estes se deve acrescentar o pronome que substitui o nome substantivo.

A propósito dos nomes, aproveita ainda para sublinhar que, pelo nome próprio substantivo, não podemos exprimir senão um indivíduo singular, pois cada indivíduo não tem senão um nome próprio, o mesmo se podendo dizer de cada acção. Do que se conclui que o nome próprio substantivo, como o infinitivo e o advérbio, que por assim dizer são adjectivos de acções, com os quais devem concordar em número, não se exprimem senão no singular. Mas os outros nomes podem exprimir-se quer no singular quer no plural. E acentua: «disse bem: os outros nomes», pois as preposições têm também um plural, como vem explicado no c. X. E comenta Alquié: *Voici déjà des termes qui éveillent l'intérêt de tout historien du spinozisme.*

Outro exemplo encontra-se no c. X: as preposições são nomes e podem ter um plural. Assim o plural de «entre», בינות, faz-nos conhecer *não a relação duma coisa individual com outra, mas os «intervalos, isto é, os lugares ou os tempos, «intermediários» entre as coisas. Daí poder concluir-se: La valeur philosophique de telles remarques n'a pas même pas à être soulignée.*

Outro caso evidenciado por Alquié reporta-se à relação dos modos e do tempo e coloca em destaque o elo, que para ele é essencial, entre temporalidade e actualidade. Assim se explica que o particípio «degenere» em adjectivo, ou seja, em ideia geral; pois a coisa deixa de ser considerada como afectada no presente.

Exemplifica Alquié, apoiando-se no que escreve Spinoza, com o caso do particípio סופר, «homem que conta» e que acaba por designar o homem cuja função é contar, ou seja, o escrivão.

O mesmo se diga do homem que julga que vem a designar o juiz: משופט. Pelo que Alquié comenta:

Il est clair qu'en ceci la critique des idée générales, et celle de l'idée de fonction, l'intérêt attaché par Spinoza au concret, et à ce qui, effectivement et rellement, a lieu, sont impliquées.

A noção spinoziana de tempo merece ser realçada; no c. XIII lê-se que os hebreus não admitiam como partes do tempo senão o passado e o futuro e não consideravam o presente senão como um ponto; o presente era para eles o limite indivisível dos dois tempos.

No fim do c. XIV Spinoza fala das relações do imperativo com o futuro, explicando que uma ordem ou proibição divinas só têm sentido como anunciadores do que acontecerá se tal determinação for concretizada. No c. IV do *Tractatus* trata Spinoza do pecado de Adão, aplicando aí as explicações acabadas de apresentar. Na sua explanação, Spinoza volta a dizer que os infinitivos se declinam como os outros nomes; os casos não são somente indicados pelas preposições inseparáveis כ, ל, ב, מ, mas também por qualquer outra preposição. Assim no Gén. 12, 10 lê-se: «antes de Deus perder Sodoma»; no Deut. 7, 20: «até morrer».

Porque cada verbo tem um tão grande número de modelos de infinitivos, isso mostra que o mesmo verbo pode ser utilizado segundo cada um desses modelos.

E escreve Spinoza:

Com efeito, como já o afirmei, os verbos em hebraico são adjectivos que concordam com o nominativo, em género, número e caso; e estes adjectivos tomados de modo absoluto, sem nominativo, empregues como substantivos de nenhum género, indicam o infinitivo. Essa é a razão porque se exprime o infinitivo empregando não importa seja qual for o modelo de passado ou de imperativo tomado de forma absoluta, sem nominativo. Também os participios podem tornar-se substantivos e serem empregues no lugar do infinitivo, como se pode ver em Is. 33,1.

Depois trata do passado, do imperativo e do futuro. Coloca o imperativo antes do futuro porque este deriva daquele.

Mais três exemplos fornecidos por Alquié respeitam ao facto de não se poder conhecer uma parte se não se conhece o todo, como vem explicado no c. VII; no c. XII, ao tratar do nome infinitivo, das diferentes formas e espécies, coloca o problema da causalidade, da concepção que dela tinham os hebreus; escreve Spinoza que os nomes infinitivos ou nomes de acção exprimem uma acção relacionada quer a um agente quer a um paciente: assim o facto para alguém visitar refere-se ao agente e o facto para alguém ser visitado refere-se ao paciente. No c. XX, relativo ao verbo reflexo activo, toca na questão da causa imediata. Começa por definir o que é este verbo:

Nous avons appelé ce verbe, réfléchi, parce que comme nous l'avons dit, c'est par lui qu'on exprime que l'agent est à lui-même son propre patient ou plutôt parce que le terme qui suit le verbe n'appartient pas à un cas différent du nominatif de ce verbe.

Em nota lê-se: «C'est la définition de la cause immanente». No c. XII escrevera Spinoza:

Sed quia saepe evenit, ut agens et patiens una eademque persona sit, necesse fuit Hebraeis novam et septimam infinitivorum speciem formare, qua actionem exprimerent ad agentem et patientem simul relatam, hoc est, quae formam activi et passivi simul haberet. Ideoque necesse fuit aliam infinitivorum speciem excogitare, quae actionem exprimeret ad agentem sive causam immanentem relatam.

Spinoza exemplifica: o homem inspecciona-se, cura-se, ora por si, dá atenção a si mesmo. Ou ainda: o homem faz de modo a visitar outro, ele aplica-se a caminhar, a compreender. Mais uma vez se serve do verbo פקד, que significa «que alguém visita outro», ao passo que para significar que alguém faz de modo que alguém visite alguém se diz הפקד; e, finalmente, há a forma que traduz a ideia de que alguém se constitui a si próprio visitante.

No c. XVIII trata do verbo derivado de sentido activo, começando por lembrar que no c. XII havia afirmado que esse

tipo de verbo é formado a partir de nomes de coisas ou de nomes de acções, ou seja, a partir dum nome ou dum verbo simples. Quando ele é formado a partir do verbo simples, tem um acusativo de agente —acusativo da «pessoa visitante» (servindo-se do verbo *paqad*) e um nominativo de causa longínqua— nominativo da «pessoa que faz visitar». Quando é formado a partir dum nome, tem o valor do verbo simples.

E a concluir o seu prefácio, diz Alquié:

C'est à chaque interprète du spinozisme qu'il appartiendra désormais, selon les questions qu'il posera, de chercher, dans le Compendium, lumières et éclairissements.

Enfin vous croyez que les citations de l'évangile de Jean et de l'épître aux Hébreux contredisent mës paroles; c'est que vous essayez de comprendre les phrases d'une langue orientale selon les tournures européennes: quoique Jean ait écrit son évangile en grec, il n'en est pas moins vrai qu'il hébraïse. Quoi qu'il en soit, croyez-vous que lorsque l'écriture dit que Dieu s'est manifesté dans un nuage ou qu'Il a résidé dans le Tabernacle et dans le Temple. Dieu Lui-même ait, en verité, pris la forme (naturam assumserit) d'un nuage, du Tabernacle, du Temple?⁴.

Esta frase traduz claramente a ideia de Spinoza acerca da importância do hebraico e da mentalidade hebraica para uma recta compreensão da Sagrada Escritura.

Os autores da excelente introdução desta versão francesa da gramática hebraica de Spinoza, Joël Askénazi e Jocelyne Askénazi-Gerson, colocam duas questões preliminares: na primeira pergunta porque é que Spinoza não indica outras gramáticas existentes, as quais ele conhece e cita, e que porque escritas em latim por especialistas judeus e cristãos podiam muito bem servir para se aprender o hebraico a fim de compreender o texto escriturístico; a segunda questão é esta: não será a gramática hebraica de Spinoza antes de mais a projecção do espinozismo na língua hebraica? Ou, como pensam os Askénazi, a explicação dada permite de aceder a uma verdadeira compreensão da língua hebraica?

4 B. Spinoza, *Lettre LXXXV à Oldenburg*, in fine.

Ao longo da gramática deparamos com algumas notas que permitem encontrar uma explicação por que Spinoza redigiu este livro. É que, a pesar de haver já outros compêndios, o que Spinoza constata é que os gramáticos anteriores tiveram preocupação de escrever gramáticas da Sagrada Escritura e não gramáticas do hebraico propriamente dito. Elaboraram regras e exceções como se os livros do Antigo Testamento constituíssem a totalidade das fontes da língua. Ora o que acontece é que a Bíblia vétero-testamentária é apenas uma parte da literatura hebraica e, por isso, não pode fornecer o conjunto dos materiais necessários à elaboração duma gramática. *Sem dúvida pensou-se que a Escritura tinha por fim ensinar-nos a língua e não as coisas*⁵. Para «falar» o hebraico e não somente «cantá-lo», «salmodiá-lo», é preciso atingir um conhecimento universal. Só este conhecimento universal nos colocará de posse de um método seguro, fácil, e nos libertará de toda a hesitação, de toda a incerteza.

O c. VII do *Tractatus* dedicado à interpretação da Bíblia permite-nos compreender o que Spinoza entende por «conhecimento universal» do idioma hebraico. Este conhecimento universal pressupõe a posse de «dados e princípios certos». Como comentam os autores da introdução:

Dans ce but il faut s'attacher à la découverte des réalités les plus universelles et communes, de leurs lois et de leurs règles, pour aboutir par degrés à partir de ces fondements aux autres choses moins universelles.

E prossegue dizendo que este método não exige nada a não ser a luz natural. Como se lê no *Tractatus*, a natureza e a virtude desta luz natural consistem em que ela deduz e conclui pela via das legítimas consequências as coisas obscuras a partir das que são conhecidas.

Aplicando este método «fundado na única virtude do entendimento»⁶, o *Compendium* pretende definir estas noções comuns, estes «fundamentos», que caracterizam a língua hebraica, de fornecer as regras, demonstrar as leis, explicar a morfologia, compreender a sintaxe.

5 C. XV, p. 147.

Desde o primeiro capítulo que trata das letras (as consoantes) e das vogais, verifica-se que as primeiras definições fazem aparecer os problemas que coloca a estrutura da língua hebraica.

A letra é o sinal dum movimento da boca. E tal movimento varia segundo os órgãos de emissão do som escutado (garganta, lábios, palato, etc.). Quanto à vogal, ela manifesta um som fixo e determinado. Há pois uma diferença radical entre consoantes e vogais. E a comprovar isso salienta que no início só havia consoantes; as vogais só começaram a ser escritas mais tarde. Daí que se desse às vogais o nome de alma das letras; e as letras sem vogais eram corpos sem alma.

As consoantes são o esqueleto, a matéria das palavras e são as vogais que põem em movimento o texto dando-lhe sentido. As palavras não são contudo mutiladas, embora impronunciáveis, elas não são ininteligíveis. Com efeito as raízes dos vocábulos hebraicos são constituídas apenas por consoantes; e nenhuma palavra hebraica começa por vogal. Também os prefixos e sufixos pressupõem uma base consonântica.

Pode saber-se logo à primeira vista qual é a raiz de uma palavra não vocalizada, a qual é formada de três consoantes, por vezes duas. Mas para quem desconheça o sistema vocálico, o texto seria incompreensível só com consoantes. Como escreve Spinoza no seu *Tractatus*, houve uma longa tradição judaica

*que devemos supor isenta de qualquer corrupção: o significado das palavras da língua hebraica, porque nós recebêmo-la deles*⁷.

E foi só no séc. VII aproximadamente que os masoretas inventaram as vogais e outros sinais. A escola de Tiberíades desempenhou um papel importante neste domínio.

Enquanto no *Tractatus* vem afirmado que não se pode dar com carácter absoluto às vogais e à pontuação masorética, como se elas fossem tudo na língua hebraica, já no *Compendium* fala da expressão dum colectividade e não a invenção subjectiva dum autor. Escreve:

6 *Tractatus*, c. V, p. 744.

7 *Ibidem*, c. VII, p. 777.

*A língua é conservada quer pelo povo quer pelos eruditos.
Não passou pelo espírito de ninguém corromper uma língua*⁸.

Comentam os tradutores da gramática: *Découvrir les principes de la langue compte tenu des définitions donnée au ch. Ier du Compendium c'est donc découvrir les lois de la vocalisation des mots hébreux*. E continuam:

C'est de façon plus approfondie se demander quelles raisons peuvent rendre nécessaire l'augmentation des consonnes de la racine ou la disparition de certaines d'entre elles, augmentation ou diminution qui déclenchent les modifications de voyelles à l'intérieur des mots.

O que nenhum gramático havia descoberto anteriormente, descobriu-o Spinoza: para saber como vocalizar as consoantes das palavras, é necessário compreender porque é que a raiz com a radical (raiz vocalizada) se modificam. Põe em evidência a unidade indissolúvel da morfologia com a sintaxe. Mostra assim que a sintaxe é literalmente morfológica, ou seja, a razão das formas literárias.

A relação genitival chamada em hebraico estado de regime ou estado construto, merece-lhe uma atenção particular. É no c. VIII que ele trata desta questão; a definição que fornece é esta:

As coisas exprimem-se ou antes de forma absoluta, ou em relação com outras coisas. Neste último caso, a relação tem por fim indicar de forma mais clara e mais expressiva. Por exemplo: O mundo é grande. Nesta frase, o termo mundo é expresso no estado absoluto, mas na frase: O mundo de Deus é grande, o termo «mundo» está em estado relativo, que o exprime de forma mais eficaz (efficacius) ou indica-o de maneira mais clara [B. Spinoza 1986: 86].

Como é sabido, em latim na frase «mundus Dei» é a palavra «Dei» que é modificada; mas em hebraico acontece o contrário: o vocábulo «mundus» fica em estado construto e não

8 *Qua ratione*: cf. c. V, in fine.

leva artigo; mas o termo «Deus» permanece inalterado. A clareza e eficácia na expressão duma realidade provoca uma modificação morfológica.

Askénazi - Askénazi-Gerson referem depois as explicações fornecidas por vários autores acerca do estado construto. Começa por P. Joüon, autor de *Grammaire de l'Hébreu biblique*⁹ passando a F. Michaeli, que escreveu *Grammaire hébraïque et Théologie biblique*¹⁰.

Servindo-nos das palavras dos autores da introdução, a ideia de totalidade, de união expressa pelo estado construto, é exacta do ponto de vista de uma reflexão filosófica ou metafísica sobre a estrutura da língua hebraica. E acrescentam:

Mais il faut ici préciser ou plutôt ne point perdre de vue qu'il s'agit d'une totalité construite, d'une totalité artificielle, dans un sens analogue à celui où Hobbes emploie ce qualificatif. Et ici l'étude phonétique ou morphologique nous permet de comprendre que cette totalité s'entend beaucoup plus comme union que comme unité.

Às explicações desses dois ilustres gramáticos, podemos acrescentar a que vem na *Hebräische Grammatik* de Wilhelm Gesenius - E. Kautzsch - G. Bergsträsser [1962: 257-258]:

Die hebräische Sprache kennt den lebendigen Gebrauch von Kasusendungen nicht mehr, sondern bezeichnet die Kasusverhältnisse des Nomen äusserlich entweder gar nicht (so das des Nominativ, meist auch das des Akkusativ) oder durch Präpositionen, das Genetivverhältnis aber meist durch den engen Anschluss (die «Anlehnung») des Nomen regens an das Nomen rectum. Das Nomen nämlich, welches als Genetiv zur näheren Bestimmung eines unmittelbar vorhergehenden Nomen regens dient, bleibt in seiner Form ganz unverändert; dagegen hat die enge Zusammensprechung des regierenden Nomen mit dem regierten zunächst die Folge, dass der Ton auf das letzte hinübereilt, und die so bewirkte Minderbetonung des vorangehenden Worts zieht dann in der Regel auch anderweitige Veränderungen

9 Roma, 1947.

10 Montpellier, 1960.

desselben nach sich, teils in Rücksicht auf die Konsonanten, teils besonders in der Vokalisation, indem die in oder vor dem Tone gedehnten Vokale notwendig verkürzt, resp. verflüchtigt werden... Eine Veränderung trifft also hier nur das Nomen, welches vor einem Genetiv steht, und die grammatische Sprache sagt von einem solchen Nomen, es stehe in der Anlehnung oder im Status constructus, von einem Nomen dagegen, welches keinen Genetiv nach sich hat, es stehe in der Hauptform oder in Status absolutus. Übrigens aber geht aus Obigen zur Genüge hervor, dass der Stat. Constr. strenggenommen nicht als eine syntatisch-logische (durch die Tonverhältnis bedingte) Erscheinung zu betrachten is.

As modificações morfológicas verificadas no nome regem merecem a Spinoza uma atenção especial. Começa por falar das terminações femininas, ך, ך׃ ; «ah», ך ך׃ «th» (singular), ך׃ ך׃ «oth» (plural).

No c. VII do *Tractatus*, Spinoza salientava quanto é difícil ter um conhecimento perfeito da língua hebraica se nos fixamos nas fontes literárias deixadas pelos antigos hebreus. A razão é que quase toda a literatura hebraica desapareceu, incluindo as obras gramáticas. Diz Spinoza [t. II, p. 45]:

Antiqui linguae Hebraicae cultores nihil posteritati de fundamentis et doctrina hujus linguae reliquerunt; nos saltem ab iisdem nihil prorsus habemus: non ullum Dictionarium neque Grammaticam, neque Rethoricam; Hebraea autem natio omnia ornamenta omneque decus perdidit (nec mirum, postquam tot clades et persecutiones passa est), nec nisi pauca quaedam fragmenta linguae et paucorum retinuit...Tum praecipue hujus linguae phraseologiam desideramus; ejus enim phrases et modos loquendi, Hebraeae nationi peculiares, omnes fere tempus edax ex hominum memoria abolevit...Linguae Hebraeae perfectam historia non possumus habere...

A investigação histórica não pode dar-nos senão um conhecimento fragmentário do hebraico; mas não há dúvida, pelo que «no que respeita às coisas que nós podemos atingir pelo entendimento e de que formamos facilmente um conceito claro», basta a luz natural. «A natureza e a virtude desta luz consistem em que ela deduz e conclui pelo caminho de legítima consequência as coisas obscuras a partir das que são conhe-

cidas ou das que são dadas como conhecidas» [B. Spinoza, *Tractatus*: t. II, p. 49 e 50].

Acerca do nome encontramos considerações muito interessantes. Spinoza conclui a sua explanação dizendo que há seis espécies de nomes: o nome substantivo dividido em nome próprio e nome comum, o adjetivo, o relativo ou preposição, o particípio, o infinitivo e o advérbio. O nome próprio substantivo exprime um indivíduo singular. De facto, cada indivíduo só tem um nome próprio e o pertencem propriamente aos adjectivos e aos particípios, os quais são alterados consoante se reportam a substantivos masculinos ou femininos. Ou seja, os substantivos não têm nenhuma desinência para indicar se são masculinos ou femininos. O que acontece é que há substantivos formados a partir de adjectivos femininos ou porque o uso atribuiu o género feminino aos substantivos que terminam como os adjectivos femininos.

Pode pois dizer-se, de acordo com a introdução:

La morphologie de la langue hébraïque nous enseigne donc, si l'on suit le raisonnement de Spinoza, que le genre s'appréhend directement et n'est exprimé par aucun signe pour les choses qui par nature sont mâles ou femelles, les désinences ne s'ajoutant aux noms (adjectifs ou participes) que lorsque le genre n'exprime pas par la nature des choses mais leur est attribué.

Mesmo se diga de cada acção. Do que se segue que o nome próprio substantivo, e também o infinitivo e o advérbio, *qui eux sont pour ainsi dire des adjectifs d'actions, auxquels ils doivent s'accorder en nombre*, não se exprimem senão no singular. Os outros nomes podem ser exprimidos quer no singular quer no plural. E acrescenta: *Je dis bien les autres noms. En effet, les prépositions ont aussi un pluriel, ce que nous verrons au chapitre* [B. Spinoza 1986: 14].

A seguir lembra que os homens e particularmente os hebreus atribuem geralmente qualidades humanas a todas as coisas; eles dizem que a terra ouviu, que ela foi escutada, etc. É esta talvez uma razão por que todos os nomes das coisas foram divididos em nomes masculinos e nomes femininos, conclui Spinoza.

Daí se pode passar para o que Spinoza afirma acerca do estado construto:

Je voudrais dire ici encore autre chose. Nous n'avons vu que les terminaisons des adjectifs et des participes. Eh bien, de la même façon, les modifications de voyelles que subissent les noms substantifs à l'état de régime tirent leur origine des transformations subies par les infinitifs et les participes. En effet, tous les noms hébraïques dérivent des modèles verbaux (ce que savent tous les hébraïsants). De plus, l'usage premier et principal du nom substantif est de faire connaître les choses de façon absolue et non en relation à autre chose. Et l'on ne trouvera jamais un nom propre à l'état de régime. Alors qu'au contraire, les actions se comprennent difficilement sans relations d'agent ou de patient. On trouvera donc très rarement les noms d'action à l'état absolu.

Do que se pode deduzir que Spinoza vê uma analogia morfológica nas alterações que sofrem os infinitivos, os participios e os substantivos no estado construto. O que lhe permite defender que inicialmente os substantivos só tinham o estado absoluto e que o estado construto exprime apenas um conhecimento relativo das coisas. Ou seja, servindo-nos de novo das palavras da introdução, são as acções e não as coisas que necessitam ser postas em relação com outra coisa a fim de serem compreendidas. E um nome próprio nunca é expresso senão no estado absoluto.

Como consequência do que acaba de ser dito, Spinoza admite que mesmo as desinências dos participios (e não só as dos adjectivos) podem dar origem às terminações femininas dos substantivos, embora tal se não verifique na Bíblia [B. Spinoza 1986: c. VI, nt. 14b]. Esta hipótese é aceite pelo Rabbi Isaac Abravanel no seu *Commentaire sur le ch. IX des Juges* (citado por Elieser Ben Iehuda no seu *Thesaurus...*, vol. IX, p. 4.430, Jerusalém, 1952-1953).

Além disso, porque as modificações dos nomes substantivos em estado construto têm a sua origem nas dos infinitivos e dos participios e porque se pode constatar a semelhança morfológica entre os infinitivos e os adjectivos e ainda porque quando os substantivos são empregues com função de infinitivos são substantivos com terminação feminina, é justo assimilar as terminações do estado construto às do feminino.

Por fim a forma do estado construto e o seu sentido intensivo encontram-se também nas preposições. Outra consequência, agora de índole sintática, é esta: não há partes do discurso e todas as palavras hebraicas são nomes; porque não o compreenderam, muitos gramáticos pensaram em irregularidades.

Na parte final da tradução, incluíram os seus autores uma secção de bibliografia, um índice de nomes próprios e um índice das citações hebraicas e aramaicas.

Spinoza dividiu a sua gramática em 32 capítulos: o primeiro trata das letras e das vogais em geral, o último da flexão dos participios. Como já ficou dito, a parte relativa à sintaxe não chegou a ser escrita. Além das letras e das vogais, são abordados os temas dos acentos, nomes, preposição e advérbio, pronome, nome infinitivo e verbo.

Ao longo da sua gramática Spinoza cita ou tem presente vários hebraístas, judeus e cristãos ¹¹. Começemos por Raschi (abreviatura de Rabbi Salomo ben Isaak), personalidade de grande envergadura no sector da hebraística, insigne escritor judaico e notável comentador da Bíblia e do Talmud. Nasceu em Troyes em 1040, onde viria a falecer em 1105. Ensinou em Troyes e em Worms e elaborou comentários a quase todos os livros do Antigo Testamento. As suas explicações ao Pentateuco obtiveram durante muito tempo grande aceitação por toda a parte ¹².

David Kimchi, um dos filhos de Joseph ben Isaak. Kimchi pertencia a uma família de gramáticos ilustres: seu pai, Joseph ben Isaak nasceu por volta de 1100 no sul de Espanha e faleceu em Narbona em 1170; influenciado por Ibn Ezra, compôs uma gramática hebraica, *Sefer Siggaron*, a primeira obra do género num país cristão. Deve-se-lhe a divisão do sistema vocálico em dois grupos, cinco vogais breves e cinco longas. Como exegeta escreveu comentários ao Pentateuco, aos Profetas, aos provérbios, a Job e ao Cântico dos Cânticos. Importan-

¹¹ Sobre a história da Bíblia e dos estudos hebraicos há abundante bibliografia; p. ex., *Bible de tous les temps*, dir. de Claude Savart - Jean-Noel Aletti, 8 vols., Paris, 1984-1985.

¹² Célebre ficou o primeiro incunábulo hebraico impresso em Reggio em 1475. Sobre Raschi, cf. *Die Religion in Geschichte und Gegenwart* V, 780.

te foram as composições elaboradas por Joseph ben Isaak, que tiveram grande divulgação na liturgia da Provença e do rito sefardita. A sua obra polémica *Sefer há-berit*, como introdução às disputas com os cristãos, pertence à apologética clássica do judaísmo.

Um dos filhos de Joseph Kimchi chamava-se Moisés, que faleceu em 1190, provavelmente em Narbona. No seu *Leitfaden der hebräischen Grammatik* encontra-se pela primeira vez a ordenação do verbo de kal a hitpael; o emprego do paradigma do verbo «paqad» começou com este autor. Escreveu vários comentários bíblicos as Esdras, Nehemias, Provérbios e Job¹³.

Mas o mais ilustre dos seus filhos é David, também conhecido por RDK, que é a abreviatura de Rabbi D. K. Nasceu cerca do ano de 1160 em Narbona e aí morreu em 1235. Impôs-se como gramático, lexicógrafo e exegeta. A sua célebre obra *Michlol* (Enciclopédia), editada em Berlim em 1847 e noutras cidades divide-se em duas partes: gramática e dicionário hebraico, e tornou-se modelo das futuras gramáticas do idioma santo. Elaborou ainda comentários exegéticos às Crónicas, aos Salmos, aos Profetas e ao Pentateuco (deste só chegou até nós o comentário ao Génesis). No comentário aos Salmos encontramos várias críticas às interpretações cristológicas tradicionais. Essas críticas constituem um tratado intitulado *Teschubot lanozrin* ou *Teschubot há-Redak*¹⁴. A disputa travada com um erudito cristão é conhecida por *Wikkuach há-Redak*¹⁵. Durante o conflito quanto a Maimónides manteve-se ao lado do grande pensador da filosofia religiosa¹⁶.

Abraham ben Meir ibn Ezra (Aben Ezra), poeta judeo-espanhol, gramático, astrólogo e exegeta do século XII, nasceu em Toledo ou Todela e morreu em Calahorra em 1167. Viajou

13 Em 1545 foi editada a sua obra *Torah Nevi'im u-Khetuvim*.

14 Foi editada por Yom Lipmann no fim do seu *Nizachon*, A 1711; em 1539 editou *Sanctes Pagnino Habes in hoc libro candide lector Hebraicas Institutiones, in quibus quicquid est grammatices hebraicae facultatis edocetur ad amussim*; e Sebastian Münster editou o *Dictionarium hebraicum iam ultimo ab autore Sebastiano Munsterio recognitum, & ex rabinis, praesertim ex Radicibus David Kimhi, auctum & locupletatum*.

15 Foi inserida na obra de conjunto *Milchemet Choba*, Constantinopla 1710.

16 Sobre a família Kimchi, cfr. *Enciclopedia Judaica* IX, 1234-1247.

muito e deixou uma importante obra de índole exegética e filosófica ¹⁷.

Johannes Reuchlin, natural de Pforzheim, onde nasceu a 22 de Fevereiro de 1455, grande humanista, hebraísta e conhecedor da Cabala, erudito e professor de elevado merecimento, viria a ter sérios problemas com a inquisição e os dominicanos de Colónia ¹⁸. A polémica ficou bem expressa nas obras *Clarorum viro- rum epistolae e «Dunkelmännerbriefe»* ¹⁹. Notáveis ficaram os seus escritos *Rudimenta linguae hebraicae* ²⁰, a primeira gramática composta por um autor cristão (daí o ser conhecido como «o pai da hebraística cristã»), *De verbo mirifico* ²¹, *De arte cabalística* ²². Faleceu em Stuttgart a 30 de Junho de 1522.

Sebastian Münster nasceu em Ingelheim a 20 de Janeiro de 1488 e faleceu em Basileia a 26 de Maio de 1552. Notabilizou-se como insigne hebraísta e editou uma Bíblia Hebraica ²³, acompanhada de uma tradução latina.

Issak Levita (Joachanan Isaak há-Levi Germanus), nasceu em 1515 em Wetzlar e morreu em Colónia em 1577. Foi primeiramente rabino, mas depois passou ao cristianismo e exerceu a docência de hebraico em Colónia. Defendeu a autenticidade do texto masorético na sua *Defensio veritatis hebraicae* contra a posição de W. Lindanus, que atribuía a sua falsificação aos judeus ²⁴. Elaborou também *Einführungen in die Hebräische Grammatik und Stilistik* e fez uma nova edição da gramática hebraica de Sanctes Pagnino ²⁵. Famosa ficou também a sua valiosa correspondência.

Buxtorf é o nome de uma família de ilustres eruditos de Basileia. João Buxtorf Senior notabilizou-se como um brilhante hebraísta. Nasceu em Kamen (Vestefália) a 25 de Dezembro de 1564 e faleceu a 13 de Setembro de 1629 em Basileia. Estu-

17 Cf. *Lexikon für Theologie und Kirche* I, 61.

18 Cf. sobre Reuchlin: *Lexikon für Theologie und Kirche* VIII, 1260-1261.

19 A primeira das referidas obras foi editada em 1514 e 1519.

20 Pforzheim, 1506.

21 Basileia, 1494.

22 Hagenau, 1517.

23 2 vols., Basileia, 1534-1535.

24 Colónia, 1559.

25 Antuérpia, 1578.

dou na Universidade dessa cidade e em 1588 era nela nomeado professor de hebraico. Dedicou-se muito aos estudos rabínicos, tendo escrito três obras notáveis que durante três séculos se tornaram marcos de referência importantes: *Biblia hebraica et chaldaica*²⁶, *Concordantiae biblicae et hebraicae*²⁷, *Lexicon chaldaicum, talmudicum et rabbinicum*²⁸, *Thesaurus grammaticus linguae sanctae hebraeae duobus libris methodice propositus*²⁹, *Institutio epistolaris hebraica*³⁰, *Synagoga Judaica*³¹, *Manuale hebraicum et chaldaicum*³², *Institutio epistolaris hebraica*³³, *De abbreviaturis hebraicis liber novus et copiosus*³⁴. Escreveu ainda *Tiberias*, um comentário masorético que foi incluído como apêndice da Bíblia rabínica³⁵; Buxtorf opôs-se à tese corrente segundo a qual as vogais hebraicas e os acentos haviam sido inventados pelos masoretas de Tiberíades a partir do século VIII. Como defensor da doutrina ortodoxa protestante, sustentava que quer as vogais quer os acentos remontam aos autores inspirados da Sagrada Escritura.

Um dos filhos de João Buxtorf Senior, chamado João o Júnior, nasceu a 13 de Agosto em 1599 e morreu a 17 de Agosto de 1664; sucedeu a seu pai como professor de hebraico em Basileia. Escreveu *Tractatus de punctorum, vocalium et accentuum in libris Veteris Testamenti hebraica origine*³⁶, que era o desenvolvimento das teses de seu pai e viria a representar o pretexto de grande polémica com Louis Cappel; e ainda *Florilegium hebraicum, continens elegantes sententias*³⁷. Outro membro famoso dos Buxtorf foi João Jakob Buxtorf (4 de Setembro de 1645-1 de Abril de 1704), que era filho do ante-

26 4 vols., Basileia, 1618-1619.

27 Basileia, 1632; reed. em 1861.

28 Basileia, 1639; reed. em 1710, 1875 e 1977.

29 Basileia, 1620.

30 Basileia, 1629.

31 Basileia, 1643; reed. em 1989.

32 Reed. em 1807.

33 Basileia, 1629.

34 Reed. em 1708.

35 Basileia, 1620. Esta obra seria reeditada por João Jakob Buxtorf, filho de Buxtorf Júnior.

36 Basileia, 1648.

37 Basileia, 1648.

rior e editou a obra de seu avô, *Tiberias*. Finalmente, vem João Buxtorf, sobrinho de João Jakob (8 de Janeiro de 1663-19 de Junho de 1732) escreveu *Catalecta philologico-theologica*³⁸.

M. A. RODRIGUES
 Universidad de Coímbra

BIBLIOGRAFÍA

- Genesius, W., - Kautzsch, E., - Bergsträsser, G., *Hebräische Grammatik*, fac-reed., Hildesheim (Georg Olms Verlagsbuchhandlung) 1962
- Spinoza, B., *Abrégé de grammaire hébraïque. Introduction, traduction et notes par Joël Askénazi et Jocelyne Askénazi-Gerson. Préface de Ferdinand Alquié, professeur à la Sorbone*. Paris (Librairie Philosophique J. Vrin) 1987.

SUMARIO

Comentando la última traducción de la gramática hebrea de Spinoza, el autor, al hilo de los comentarios con que presenta la obra Ferdinand Alquié, pone especialmente de relieve algunos aspectos del pensamiento spinoziano acerca de la Filosofía del Lenguaje. Examina la definición que Spinoza hace de las características semánticas de determinadas partes de la oración, poniendo de relieve la aportación que la gramática hebrea de Spinoza representa para la comprensión del conjunto del pensamiento de este autor.

SUMMARY

By commenting the latest translation of the hebrew grammar by Spinoza, the author, on the train of the comments with which Ferdinand Alquié introduces this work, emphasizes some particular aspects of Spinoza's thought about the Language Philosophy. He examines the definition given by Spinoza of the semantic features of certain parts of speech, underlining the contribution that the Hebrew grammar by Spinoza represents for the understanding of the whole thought of this author.

38 Basileia, 1707.